

Claude Le Guen

Por onde se recorta o psíquico

Em agosto de 1998, o psicanalista francês Claude Le Guen esteve em São Paulo a convite do Instituto Sedes Sapientiae e do Núcleo de Psicanálise do Departamento de Psicanálise da PUC/SP. Le Guen é membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris e da International Psychoanalytical Association (IPA). Foi diretor da Revue Française de Psychanalyse e atualmente coordena várias coleções e um Dicionário Crítico da Psicanálise na PUF. Entre os livros que escreveu encontram-se: *L'Oedipe Originare* (1974), *A Dialética Freudiana I: Prática do Método Psicanalítico* (1982), publicado no Brasil pela Editora Escuta (1991), e *Théorie de la Méthode Psychanalytique* (1988). Nesta entrevista, tivemos oportunidade de conversar com Le Guen sobre a temporalidade na psicanálise, o masoquismo ordinário, sua concepção de Édipo originário e, também, sobre questões referentes à formação do analista e à posição da psicanálise francesa nos dias de hoje, assim como sobre seu passado de militância política.

Percorso: Como o Sr. se localiza no mapa psicanalítico atual?

Le Guen: Acredito que minha posição seja tipicamente francesa, na medida em que se pode pensar que existe, de fato, uma psicanálise francesa. A cada congresso internacional isso pode ser verificado. A primeira vez que isso me surpreendeu foi num congresso em Roma, há muito anos, quando escutei psicanalistas italianos e ingleses falarem de uma “psicanálise francesa”. Para eles tratava-se de uma evidência e, refletindo melhor, passei a considerar que existe uma “psicanálise francesa”. Uma psicanálise com correntes muito divergentes, com oposições por vezes ferozes, mas também com algumas constantes, que asseguram um fundo comum de pensamento: o predomínio da referência a Freud e a importância atribuída tanto à pulsão quanto à transferência.

Realização: Andrea Carvalho, Bela Sister, Daniel Delouya, Mara Selaibe, Patrícia Getlinger, Renato Mezan e Sidney Shine.

Tradução: Daniel Delouya. **Revisão:** Grupo de Entrevistas.

No que diz respeito à minha filiação psicanalítica dentro do panorama francês, me situo, simplesmente, no lugar de Claude Le Guen, reconhecendo, ao mesmo tempo, minhas múltiplas filiações e nenhuma delas. Uma vez que a psicanálise é um “produto” social, nossas idéias - por mais originais que sejam - são sempre emprestadas dos outros, ou, pelo menos, inspiradas neles. Vários nomes me ocorrem, nomes de pessoas a quem me sinto grato pelo que pude receber no decorrer das conversas que tivemos. Penso, por exemplo, em Viderman e em Stein. Penso, sobretudo, na única pessoa a quem posso atribuir o nome de mestre: Pierre Mâle. Um psicanalista que dirigiu o serviço de crianças no Hospital Henri Rousselle, e que é pouco conhecido fora da França (e mesmo na França contemporânea). Uma figura extraordinária! Tinha verdadeira fobia da escritura e não deixou nada escrito. (Seu pai, Emile Mâle, medievalista mundialmente conhecido e membro do Instituto de França, deixou uma obra importante). Mâle foi um clínico inigualável e um teórico de ensino socrático. Fui seu interno naquele hospital e acredito que ele me transmitiu o essencial da psicanálise, o “espírito” desta. É curioso, e fico surpreso em ver quantos colegas, e não dos menores (penso em Green, Rosolato, Stein, e tantos outros), foram marcados por Pierre Mâle e guardam-lhe um grande reconhecimento. Ele irradiava inteligência e charme também. Durante seu próprio internato, fez amizade com Henri Ey, Jacques Lacan e Sacha Nacht, e, de tempos em tempos, vinha um ou outro, principalmente os dois primeiros, procurá-lo, por volta do meio e dia e meio, para almoçarem juntos - o que nos trazia, no dia seguinte, inúmeras anedotas engraçadas, ricas de ensinamentos.

Quando digo que ele foi meu mestre, penso mais na transmissão de um conhecimento do que de um saber. Ele me ensinou a viver a psicanálise.

Percorso: O Sr. nos diz que o espírito da psicanálise lhe foi transmitido por aquele do qual o Sr. foi interno. Chama a atenção que não nomeie, neste contexto, também aquele que foi seu analista. Ele teve alguma influência sobre seu pensamento ou não tanto assim? E os seus supervisores?

“

Existe uma “psicanálise francesa”, cuja peculiaridade é a referência a Freud e a importância dada à pulsão e à transferência.

”

Le Guen: Lebovici foi meu analista. Ele não me transmitiu o “espírito” da psicanálise mas algo relacionado à minha inserção psicanalítica e uma referência prática. Fiquei sabendo, para meu espanto, que Lebovici costumava falar muito nas sessões. Eu o ouvia falar muito pouco e, nesta ocasião, tudo que dizia era quase sempre pertinente e me levava a associações proveitosas. Acredito que ele teve o mérito de me deixar fazer a minha análise, algo que não acontece muito frequentemente.

Devo também aos meus supervisores: Réne Diatkine e Pierre Marty. Aprendi tanto de um como do outro, cada um à sua maneira; maneiras, aliás, quase que opostas; fato pelo qual lhes sou reconhecido: me mostraram a diversidade da análise. Minhas aquisições, eu as pincei aqui e ali. Mencionei há pouco Viderman: seu pensamento me trouxe muita coisa. Devo igualmente a Lacan, na medida em que me opus muito, e muito cedo, à sua sistemática (não há nada mais estimulante do que ter alguém para combater). Apesar das minhas discordâncias, e talvez por causa delas, tenho uma grande estima pela obra e teoria de Lacan, embora fique estarrecido com as práticas catastróficas que ele instituiu.

Percorso: Catastróficas? Como, por que?

Le Guen: Trata-se de uma catástrofe gerada pela instituição de “curas de duração variável” e seu corolário: a manutenção da dependência transferencial para além dos limites da cura. Mais do que um problema da prática, trata-se de questões de ética e epistemologia analítica. Encontramos cada vez mais em nossos divãs pacientes sobreviventes dos divãs lacanianos, inclusive psicanalistas lacanianos que procuram uma *tranche*, e constatamos que esta prática provoca estragos maiores do que poderíamos pensar.

Isto não coloca em questão a qualidade da obra escrita de Lacan, mas a crítica epistemológica se situa justamente nesta clivagem entre a teoria e a prática. Do ponto de vista da cura o mais grave é que Lacan não se contentou em proceder desta maneira. Recomendou essa prática para seus alunos e iniciou todo um movimento: uma quantidade de pequenos lacans começaram a fazer como ele, mas sem ter a sua “genialidade”, o que acar-

retou graves conseqüências. Devo dizer que as coisas não são imutáveis e, atualmente, uma corrente entre os lacanianos retorna ao tempo fixo e à duração normal da sessão. É o que encontramos, por exemplo, - tanto quanto estou a par das coisas - no grupo de Melman e em alguns outros também.

Esta mudança de espírito contribuiu para modificar nossos relacionamentos e permitiu estabelecer trocas com eles - algo impensável nos últimos dez anos. Para situar a paisagem psicanalítica francesa, hoje, esquematicamente, posso dizer que assistimos a um excelente entendimento entre os membros da SPP e os da APF. Sem dúvida, existem alguns conflitos (e os conflitos podem ser proveitosos), mas há um bom entendimento entre as partes e isto se aplica igualmente ao Quarto Grupo. Restabeleceu-se também o diálogo com certos grupos lacanianos e o clima entre as sociedades analíticas na França está pacífico. As discordâncias mais fortes, ainda que fluidas e imprecisas, vêm de pessoas que não puderam se integrar nessas sociedades, seja porque tiveram seu acesso recusado pela comissão de admissão, que não aprovou a supervisão de seus casos, seja porque escolheram deliberadamente manter-se à distância das sociedades, e estas são uma minoria. Pessoas como E. Roudinesco e R. Major tentam agrupar à sua volta esses "abandonados" da psicanálise prometendo-lhes "uma grande reunião" no ano 2000: os "Estados Gerais".

Esta iniciativa conseguiu algo notável: reunir contra si todos os que se pretendem verdadeiramente freudianos (nada como descobrir um adversário comum). Desta forma encontramos uma ruptura da mesma natureza da que nos separa dos junguianos ou de outros grupos não-freudianos...

Percorso: O que o Sr. pensa sobre a crescente variação nos modelos de formação?

Le Guen: Observamos que, na França, as rupturas aconteceram, frequentemente, em torno do problema da formação dos analistas. Apesar de tudo, algumas constantes permaneceram. A formação evoluiu e continua evoluindo, o que me parece muito positivo. A convicção que muito cedo (desde o início dos anos cinqüenta) marcou a nossa sociedade, que por muito tempo nos diferenciou, e mesmo nos opôs a outras sociedades do mundo (felizmente hoje em dia elas tendem a revisar

“

Convém
separar
completamente
a análise
pessoal do
processo de
formação.

”

suas posições), é a de que convém separar completamente a análise pessoal do processo de formação. O analista de um candidato, por exemplo, não pode dizer uma palavra sequer sobre ele para a comissão de avaliação ou a quem quer que seja. Se por um acaso deixar escapar alguma coisa; por melhores que sejam suas razões (porque às vezes ficamos chateados de não poder dizer nada), terá a desaprovação de todos os seus colegas. A regra deve ser estritamente resguardada. Trata-se de um princípio

ético e técnico sobre o qual todos estão de acordo.

Depois de alguns anos, durante os quais houve um verdadeiro combate (às vezes contra as instâncias da IPA), conseguimos que não houvesse uma diferença entre a análise didática e a análise terapêutica, considerando que quem deve ser avaliado é o candidato e não o analista. Durante certo tempo, e de acordo com as exigências da IPA, uma análise era considerada didática se fosse realizada por um didata, o que nos parecia um tanto quanto estúpido... o que aliás a experiência nos confirmou. (Quando digo "nós" falo enquanto membro da SPP). Fizemos então um novo regulamento considerando que toda análise feita por um membro da SPP (a idéia, para muitos, é de aceitar "todos os divãs", tal como nossos amigos da APF) pode ser levada em conta — no caso de uma candidatura à formação analítica regular —, qualquer que seja a categoria institucional do analista. (Nós temos três categorias: os "afiliados" *members* da IPA, os "aderentes" e os "titulares", *full-members*, os dois últimos correspondendo aos didatas reconhecidos pela IPA; e essa graduação corresponderia, em princípio, a diferenças na competência e engajamento psicanalíticos). Este regulamento gerou um novo conflito com a IPA - temos muitos conflitos com eles, e estamos acostumados - já que ferimos os seus *standards*... Constatamos, hoje, que muitas sociedades da IPA estudam nossa posição e procuram inspirar-se nela.

Esses dois princípios de formação, aliás complementares, dizem respeito ao mesmo princípio fundamental (ele indica o sentido no qual deve evoluir a formação dos psicanalistas): o que importa, e deve vir antes de tudo, é o traba-

lho psicanalítico propriamente dito. Nisto há um grande consenso entre as sociedades francesas.

Percursos: E entre os lacanianos? Ainda se faz o *passé*?

Le Guen: Ah, entre os lacanianos!? Francamente, é difícil saber, no meio de tantas sociedades que aparecem e desaparecem... O *passé* parece ter sido abandonado em alguns grupos, modificado em outros... O nome permanece mas a coisa parece que evoluiu. Tanto quanto estou informado, parece que com o tempo acabaram chegando a algo mais próximo daquilo que nós fazemos, como se houvesse uma força coercitiva por parte da prática psicanalítica que levasse lentamente todo mundo, inclusive nós, em direção a um certo consenso. Convém lembrar que as críticas virulentas de Lacan contra certas práticas da IPA (e da SPP da época) contribuíram muito para a evolução de nossas idéias sobre a formação, depois de ultrapassadas as turbulências passionais. Por mais dividido que possa parecer, o movimento psicanalítico, na França, testemunha um acordo em torno dos “grandes princípios”, assim como uma certa comunidade de pensamento.

Percursos: Ao ler sua obra ficamos surpresos com seu grande interesse pela vida institucional e social...

Le Guen: Mais do que a vida institucional - este interesse existe ocasionalmente -, eu diria a sociedade de modo geral, os problemas sociais.

Percursos: Nós nos perguntamos se o Sr. desenvolveu algum trabalho institucional ligado à sociedade que tenha marcado o seu trabalho enquanto psicanalista.

Le Guen: Isto não se desenrolou desta forma. Durante muitos

anos, ocupei posições de responsabilidade numa instituição de adolescentes “difíceis”. Nesta ocasião, quis utilizar o que trazia da minha formação psicanalítica, mas constatei que não é tão simples assim. Creio que é preciso não misturar as coisas. Sou o resultado de minha história e estou marcado por meu passado militante que começou muito cedo, quase no final da guerra, quando nem tinha 16 anos e participei do movimento da Resistência à ocupação (alemã). A resistência, a Juventude Comunista... militei duran-

“

Durante um tempo tentei fazer coincidir marxismo com freudismo: tentativa falsa em sua base.

”

te muito tempo. É aí que se situa minha preocupação social “original”. Venho de uma família onde essas preocupações tinham grande importância. É algo quase “hereditário”! Meu pai era de formação anarquista, e tínhamos discussões passionais em casa, que não fizeram senão sublinhar a comunhão de nossos interesses “sociais”. Portanto, esta preocupação com a sociedade, esta reflexão sobre os problemas colocados por ela, este interesse pelo marxismo, surgiram muito cedo em minha vida.

Curiosamente, eles foram qua-

se que contemporâneos do meu interesse pela psicanálise: logo depois de iniciar meus estudos de medicina me inscrevi numa licenciatura em psicologia; e me inscrevi, também, no Partido Comunista. Aliás, decepcionei-me tanto com os estudos de psicologia na universidade que logo os abandonei. Nesta ocasião, acabei descobrindo Freud, “às avessas”, já que os ensinamentos em psicologia apontavam Freud como o grande mal!

Percursos: Nesta época o Partido atacava a psicanálise. Parece-me que em 1949, *Le Critique* publicou uma série de artigos muito duros contra a psicanálise — a ciência burguesa —, assinados por membros do Partido, entre os quais o próprio Serge Lebovici...

Le Guen: Conheci essas coisas todas de dentro, sobretudo porque nesta época estava muito interessado nos problemas da vida psíquica, e como “bom militante”, aceitava a idéia de que a psicanálise era má por se tratar de uma “ciência burguesa”. Achei inclusive muito fraca a condenação feita à psicanálise pelos psiquiatras e psicanalistas comunistas. Tratava-se de um período stalinista e eles tiveram que escolher entre a exclusão do Partido ou a assinatura do texto que lhes fôra imposto. Com reticências, preferiram assinar mas, logo depois, muitos deles (inclusive Lebovici) decidiram abandonar o Partido Comunista.

Percursos: Eles quem?

Le Guen: Não me recordo de todos os nomes: além de Lebovici, Kestenberg, talvez Shentoub; havia, também, psiquiatras não-psicanalistas como Folin, Bonaffé, Rollens, Angelergues, Le Guillan. Mas suponho que o que interessa a vocês é o efeito disso tudo em mim. Nesse tempo, eu era interno em psiquia-

tria, e a realidade da minha prática havia me convencido que não era possível criar um impasse sobre o inconsciente. Eu devia rever umas tantas posições. Não diria que este confronto foi dilacerante para mim, mas mexeu comigo a ponto de decidir fazer uma análise e, em razão desse contexto, procurei Lebovici.

Durante um bom tempo me preocupei em fazer coincidir o marxismo e o freudismo. Era moda na época. Mas, pessoalmente, cheguei à conclusão que se tratava de uma tentativa não só estéril, mas totalmente falsa em sua base. É errôneo, e mesmo perigoso, querer sobrepor campos que não podem ser superpostos sem se desnaturarem, mesmo se esses campos não são indiferentes um ao outro. Não por acaso Marx e Engels levantaram o problema da psicologia individual, e isto, muitas vezes, em termos que não renegariam Freud; além do que não preciso lembrá-los da enorme importância que a sociedade ocupa na obra freudiana. Mas é importante evitar confusões e cheguei à conclusão de que é importante separar os planos, que convém distinguir e demarcar os territórios. Renunciei a minhas ilusões quanto a um mítico freudo-marxismo.

Procuro não misturar as coisas. Assumo compromissos em função dos problemas que a sociedade me coloca (e como ela me coloca!): durante a guerra da Argélia, só para dar um exemplo, participei das redes de sustentação da FLN, e estava nas ruas da Argélia no dia da proclamação da sua independência. De certo modo, permaneço um militante e me engajo socialmente: esse é meu papel de cidadão. O lugar de psicanalista é outro. Não diria que se trata de uma clivagem, longe disso! Ao contrário, existe uma troca... Mas, do ponto de vista epistemológico, é importante que se faça a diferença. Por isso, jamais escreverei

um texto pretendendo “psicanalisar a sociedade”...; serei reticente ao tratar da “psicanálise e sociedade”, sobretudo porque acredito que meu trabalho teórico esteja infiltrado por preocupações desta ordem. Se reservo um lugar considerável à ideologia e aos determinantes ideológicos em minha obra analítica, devo isto justamente à minha preocupação social. Com isso, acredito reencontrar o Freud de *Psicologia das massas e a análise do Eu*, *Moisés e o monoteísmo*, *O futuro de uma ilusão* assim como *O mal-estar na cultura* — textos eminentemente “so-

“

O

inconsciente é o recorte do biológico pelo social; sobre o “terceiro território” está a sociedade.

”

ciais”, nos quais ele soube, de modo geral (apesar do que já foi dito algumas vezes), evitar confusões desse gênero.

Percurso: O Sr. dizia que é preciso não misturar as coisas, o que quis dizer exatamente com isto?

Le Guen: É preciso não misturar o que é da ordem do psiquismo individual com o que é da ordem do social. Não se trata apenas de abordagens diferentes, mas de campos heterogêneos. E, quaisquer que sejam as trocas inevitáveis e necessárias entre eles — e justamente por causa delas, e a fim de respeitá-las e torná-las proveitosas —, é impor-

tante delimitar claramente os territórios. É um falso problema procurar saber se a sociedade é feita por um agrupamento de indivíduos (como por vezes Freud nos lembra), ou se o indivíduo é um produto social (algo que Freud igualmente menciona). Não se deve colocar o problema nestes termos. A única questão que deve nos preocupar é o modo como essas duas vertentes se comunicam, como se articulam esses dois sistemas, assim como entender a natureza daquilo que os separa, a natureza dos seus “limites”.

Recorrendo a este termo, refiro-me implicitamente a um outro limite que pode nos ajudar a compreender a fronteira entre o psíquico e a sociedade. Penso na definição freudiana de pulsão enquanto “conceito-limite entre o biológico e o psíquico”. Este “limite” é como uma fronteira, e a vocação de uma fronteira é, ao mesmo tempo, de separar radicalmente os territórios e de permitir, de forma controlada, a passagem de um ao outro. De um lado, temos o biológico e de outro, o psíquico. A pulsão transborda dos dois lados, tem “um pé em cada território”; mas nós, psicanalistas, devemos nos ocupar em conhecer apenas o país do psiquismo, mesmo sabendo que ele só se justifica por sua relação/oposição com o biológico. Isto é fundamental do ponto de vista epistemológico: se quisermos explorar e conhecer nosso campo, ele deve permanecer claramente identificável.

Na verdade, é necessário falar de três campos. Escrevi, em várias ocasiões, que o inconsciente pode ser definido como um recorte do biológico pelo social. Portanto, sobre o “terceiro território” está a sociedade, a vertente social à qual pode-se opor a vertente individual, psíquica. Tendo a acreditar que aqui, entre os dois (correspondente ao que seria a pulsão na relação biológico/

psíquico), encontra-se a ideologia. E quando falo ideologia eu o faço no sentido filosófico do termo (bastante esquecido aliás), e não no sentido trivial e desnaturado com que invadiu as mídias. A ideologia está no limite entre o social e o inconsciente, separando-os, transbordando-os, mas, também, unindo-os. É importante não ignorar as trocas entre eles, mas é igualmente importante não misturá-los. Portanto, cabe aos sociólogos e etnólogos estudar a sociedade, juntamente com os políticos que se preocupam em dar-lhe uma orientação ou mesmo transformá-la. Cabe aos psicanalistas trabalhar sobre o inconsciente.

E aí encontramos a extrema singularidade da psicanálise. Não podemos escapar ao fato de que o psiquismo, *nosso* psiquismo, é, ao mesmo tempo, nosso objeto e nosso meio de estudo, e que nosso projeto consiste em modificá-lo. Dentre todas as atividades “sociais” (é assim que Freud, muitas vezes, qualifica a psicanálise) aquela que mais se aproxima da psicanálise é a política. Ambas têm a mesma relação com a história. Para os políticos, assim como para os psicanalistas, a história (coletiva para uns, individual para os outros) é essencial e está no centro de seus trabalhos e reflexões; porém, ao contrário dos historiadores, eles não se contentam em estudá-la. Eles se utilizam da história para tentar transformá-la. Esta é a sua razão de ser. É neste sentido que creio poder aproximar as duas atividades, mas isso acentua, ainda mais, a necessidade de não misturá-las.

Percursos: Em seu livro *A dialética freudiana* (Escuta, 1991) o Sr. apresenta uma concepção de psiquismo que se desenrola em torno de uma dialética temporal entre as noções de apoio e *a posteriori*. O Sr. confere à noção de apoio uma

significação particular e diferente da definição oferecida por Freud no livro *Três ensaios para uma teoria sexual*, já que Freud se refere ao apoio das pulsões sexuais sobre as pulsões de auto-conservação. Como o Sr. compreende sua diferença com o texto freudiano?

Le Guen: Não creio que haja uma diferença e sim uma tentativa de complementação — essa é minha ligação com Freud. Vocês devem ter percebido que a cada con-

“
I
ntroduzi uma
relação, entre a
força coercitiva
do apoio e a
significação que
procede do *a*
priori.”

ceito que estudo, em todos os livros, em todos os artigos, começo com um estudo atento de Freud. Dito de outro modo, asseguro-me das minhas bases: quero saber do que falo, onde me apoio. Entretanto, não podemos gastar nosso tempo reiterando Freud. Uma vez verificadas as bases, é preciso averiguar as questões que se colocam e tentar ir um pouco mais longe. De tempos em tempos, tenho minhas discordâncias com Freud. Penso, por exemplo, e foi isto que motivou *O Édipo originário* (1974), no desacordo fundamental em relação à filogênese, além de não concordar com algumas de suas afirmações sobre o Édipo na mulher. Reconheço es-

sas discordâncias e as assumo plenamente!

Acredito que o que digo sobre o apoio está de acordo com o que Freud afirma, porém penso que amplio e generalizo este conceito. Quer dizer, ele deixa de se limitar ao apoio de uma pulsão sobre outra, e se transforma num processo fundamental do psiquismo. Isto me surgiu a partir do conceito de *a posteriori* (*après coup*) em meio a discussões e desacordos com Viderman. Sua concepção de história não é propriamente “ahistórica”, mas culmina no fato de que o *a posteriori* poderia fazer quase qualquer coisa. Viderman retificou esta posição mais tarde, mas, de qualquer maneira, é ela que ocupa o centro de seu trabalho. Tratava-se de uma concepção que eu não podia aceitar. Retornei, então, à posição de Freud para quem não se pode fazer qualquer coisa a partir de não importa o que. É preciso, de uma forma ou de outra, que algo tenha acontecido antes. Todos conhecem a tese que está na base da cena originária do *Homem dos Lobos* e mesmo na elaboração do conceito de cena originária. Ou seja, era preciso ter havido algo para que aquela cena pudesse ser construída daquela maneira.

Não faço outra coisa senão retomar esta convicção freudiana segundo a qual um evento deve ter ocorrido no passado para que uma história seja, em seguida, construída apoiando-se nele. Para haver um *a posteriori*, o *après coup*, o importante não é o golpe, o *coup* (o termo alemão *nachträglich* não comporta uma referência ao “golpe” e sim a uma “ação posterior”), mas as condições criadas para que isso venha a ser ressignificado e a se desenvolver de uma certa maneira e não de outra. O exemplo que uso em *A dialética freudiana* é aquele da gota d’água sobre um plano in-

clinado. É verdade que a gota que cai pode seguir diferentes caminhos (e nisto Videman tem razão), mas isso só pode acontecer se o plano estiver inclinado. O apoio funciona mais ou menos como este plano inclinado.

Dito de outra forma, seguindo o modelo freudiano, seria o equivalente a considerar que o estágio anal se apoia sobre o estágio oral, ou que o apoio permite a escolha de objeto e assegura o sistema de relação objetual. Existe sempre essa referência necessária e, sobretudo, essa orientação em função daquilo que já aconteceu (isso é muito hegeliano!). Assim, o apoio não se contenta em ser, passivamente, um suporte para algo que de outro modo desmoronaria. O apoio guia, orienta e coage ativamente o desenvolvimento, e o que vier a se desenvolver se utilizará daquilo que já existe. Aliás, é o que Freud descreveu. Os momentos de reapropriação da história (daquilo que foi apoiado) são marcados por aquilo que podemos descrever como um devir *a posteriori*, pois é sempre depois, posteriormente ao que foi apoiado, que isto pode adquirir sentido, ser significado. Ou, em outras palavras, ser historicizado, permitindo ao indivíduo se identificar, se reconhecer enquanto tal e se individualizar. E isto em função da história que o determina. Introduzo uma relação entre esses dois processos (que formam um conjunto), que vai comandar o desenvolvimento histórico entre a força coercitiva do apoio e a significação que procede do *a posteriori*. É preciso esclarecer que esta interdependência dialética vem ressignificar tanto o apoio como o *a posteriori*. É verdade que fazemos Freud dizer mais do que, de fato, disse; mas não penso que faço ele dizer muito mais do que ele poderia ter dito.

Percurso: Surpreende-nos

como toda sua obra, em especial a *Dialética...*, centra-se em torno do tempo. Já em 1958 o Sr. publicou um trabalho sobre o tempo na esquizofrenia¹. Poderia nos contar mais sobre este trajeto e esta sua preocupação em particular?

Le Guen: O tempo... É verdade que naquela época eu descrevi “A síndrome do tempo fixado na esquizofrenia”. Chocava-me a ausência da apreensão do tempo nos esquizofrênicos. Mas, por mais que tenha colo-

“
T
odo fantasma
tem sempre uma
função de
substituto, e
remete à
lembrança de uma
experiência situada
na realidade
externa, ou seja,
na realidade social.
”

cado questões sobre o tempo, desde aquela época (quando não estava, ainda, em análise), não é ele que me interessa e sim a história. O tempo é apenas uma comodidade, um ponto de referência. Como assinalei recentemente num congresso sobre esse tema, penso que o tempo não tem muito a ver com a psicanálise, não mais do que tem a ver com o inconsciente². Em contrapartida, a história nos concerne plenamente. Houve uma época em que cheguei a afirmar (um pouco por provocação), que a psicanálise é uma “ciência históri-

ca”. Eu não o faria mais nestes termos, mas o espírito permanece o mesmo. Em minha obra, persisto em me preocupar com a historização e com a individuação — procuro compreender como o sujeito se constitui enquanto tal. E acredito que um sujeito só pode se constituir como sujeito através de sua história.

Percurso: Em relação a este problema e voltando para o ponto anterior onde o Sr. dizia que é preciso ter havido algo sobre o qual se apoiar para que a história ocorra, eu estava me perguntando sobre a cena originária. Trata-se de uma cena real? Qual é a idéia de realidade que existe nesta concepção? Ela é factual ou o que?

Le Guen: A cena originária tem toda a força da única realidade que importa para nós — a realidade psíquica. Tão resistente quanto a realidade física. Lembro-lhes como Freud a definiu: se encontrar um lobo na esquina da rua, você pode se “virar” com um fuzil ou com um pedaço de pau; mas, se você tem uma fobia, uma angústia de lobos, por exemplo, não pode fazer nada! Em nossa vida, a realidade psíquica é mais poderosa e mais determinante do que a realidade material — e a cena originária é isto. Alguma coisa da ordem do fantasmático, tendo *toda* a realidade de um fantasma, mas *um* fantasma que vai organizar, para a vida, o complexo de Édipo, o complexo de castração e todos os seus desenvolvimentos ulteriores. É verdade que existe aí uma conexão entre a realidade psíquica, que é o fantasma da cena originária, e a relação sexual real dos pais. Freud, preocupado em demolir as concepções de Jung, chegou a tomar posições até caricaturais, insistindo sobre a realidade “objetiva” do coito parental *a tergo more ferrarum* (posições

que relativizou depois); mas o que ele manteve é que é preciso ter havido alguma coisa, algo que tenha sido visto (ele considera, por exemplo, a visão da “cópula entre os cachorros pastores brancos”). Freud se mantém muito firme na idéia de que isto não pode ser mera imaginação: todo fantasma tem sempre uma função de substituto e remete à lembrança de uma experiência situada na realidade exterior, ou seja, na realidade social.

Percursos: O Sr. disse em sua conferência³ de ontem que sua paciente pôde criar a história de seus pais no decorrer do seu processo de cura...

Le Guen: Sim, no final de sua análise.

Percursos: E que ela, por sua vez, se reconstruiu a partir desta criação...

Le Guen: É um exemplo daquilo que Freud chamava de força coercitiva dos esquemas (algo que ele atribuiu à filogênese e que não me parece aceitável, mas isto é uma outra história...). Estamos ainda no caso do *Homem dos Lobos*, onde ele explica que existem esquemas que fazem com que as coisas ocorram de uma certa forma e não de outra. Os esquemas determinam aquilo que “deve” ocorrer, e que se produzirá de qualquer maneira, pois dele depende a vida psíquica. A força do esquema é tanta, diz Freud (eu diria a força do “modelo”), que leva a criança a utilizar alguns elementos que estão à sua volta, os pedaços de realidade, para construir aquilo que ela precisa construir — no caso de Danielle, uma cena original. Ao fim de todo um processo, ela passou a construir um Édipo “normal”. Esse trabalho resultou da análise, e foi preciso forçar as coisas para assimilar o trabalho perlaborativo relacionado à irrupção da

cena originária na criança pequena... Mas o que se construiu, de fato, foi algo tomado no momento da cura; isto refez a história, em função do presente e de sua realidade.

Então, para Danielle, a questão da relação entre as realidades interior e exterior (ou, como prefiro, entre o fantasma da cena originária e a sua realidade) encontra-se na história do quisto: fantasma de sua mãe em seu ventre, devoradora e destrutiva, associada à lembrança traumática da fruta que uma menina mais velha a forçou a comer na escola maternal. Cenas de sadismo deste tipo acontecem todos os dias entre as crianças, são acontecimen-

“

A idéia de Édipo originário é um dos modelos universais que determinam o funcionamento psíquico.

”

tos banais e geralmente bem suportados. Porém, neste caso, houve um conluio entre uma idéia que já estava presente e a irrupção de uma realidade traumática que deu sentido, *a posteriori*, isto é, deu existência, a esse tipo de coisa que até então não se organizara: “o que há dentro do meu ventre?” e, também, sem dúvida alguma, “o que havia no da minha mãe?”. A partir deste momento ela soube que sua mãe estava apodrecendo seu ventre. Um Édipo podre! E o pouco que a cura psicanalítica pôde fazer foi tentar reconstruí-lo.

Percursos: O Sr. poderia explicitar um pouco mais sua idéia de causalidade psíquica, pois se é verdade que existe um antes de (*avant coup*), um depois de (*après coup*), e a dialética entre os dois, resta-nos entender qual é o lugar do fantasma e da realidade, por exemplo, na ameaça de assassinato do pai pelos filhos, pelo qual Freud foi tomado, segundo o Sr., ao escrever o artigo de 1914 sobre o Moisés de Michelangelo⁴.

Le Guen: É preciso deixar bem claro: existe o *a posteriori* (*après coup*), mas não existe o *antes de* (*avant-coup*). Ou seja, o “golpe” (*coup*) só existe a partir de um *a posteriori* que vem significá-lo enquanto momento psíquico. Donde este paradoxo temporal (e eu dizia que o tempo não era uma noção válida na psicanálise!) que indica que não existe um *antes do* golpe (lembrem aqui o que disse acima sobre a ausência do termo “golpe” no alemão *nachträglich*, mas a sua introdução na tradução francesa não deforma o sentido freudiano, ao contrário do que ocorre com o termo *differed-action* dos anglo-saxões). É uma das idéias mais vertiginosas à qual nos confronta o funcionamento psíquico. Sem dúvida existe um “antes”, mas não é um *antes de*.

Feita esta retificação, devo dizer que a causalidade psíquica me preocupa muito, e minhas colocações a propósito da “modelização dos modelos” procuram sobretudo responder a este problema. Mais uma vez insisto na idéia de que é preciso que as coisas se construam sobre aquilo que já existe - e em função do qual seria remanejado. Quer isso nos incomode ou não, somos, em primeiro lugar, seres biológicos, o que implica um número de imposições extremamente poderosas. Toda a singularidade da humanidade procura, justamente, fa-

zer da sexualidade algo a mais do que o biológico, ainda que o conservando — eis aí um excelente exemplo do *Aufhebung* hegeliano. Mas a exigência biológica não deixa de persistir impondo-se sobre todos os desenvolvimentos psíquicos que precisam se apoiar nela. É por isso que quando o psiquismo se põe a funcionar, ele o faz de uma maneira mais ou menos igual para todo mundo; e é por isso que podemos nos entender, ainda que, por vezes, não muito bem. Isso é bastante surpreendente! Penso que não prestamos atenção suficiente ao fato que, no essencial, somos todos bastante parecidos...

Existem, portanto, coerções que impõem um certo recorte, uma certa organização do funcionamento psíquico. O que sempre me intrigou, e mais ainda atualmente, é compreender de que são feitas essas coerções. É aí que recorro ao que chamei de “modelos” (os “esquemas” freudianos) que serão inscritos em nós de alguma forma (uso, provisoriamente, o termo inscrição pois a metáfora da inscrição me parece absolutamente falsa).

Percurso: O Édipo originário seria um exemplo daquilo que o Sr. chama de modelo?

Le Guen: É justamente isto. A idéia do Édipo originário é que o psiquismo só pode funcionar de um modo ternário. E isto em função do fato que o Eu, para existir, deve se reconhecer, enquanto Eu, em função de dois outros elementos: de um lado aquele que Freud chama de o estrangeiro, e que chamei “não-mãe” em função dele não existir, de ser aquilo que só adquire sentido no momento em que faz o bebê perceber a ausência da mãe. Assim nasce o Eu. E desde o momento que o Eu existe, por mais debilitado que seja, tudo dependerá dele e aquilo que vier a funcionar, o fará segun-

do este modelo ternário fundamental que o constituiu. Temos aí, muito precisamente, um desses modelos universais que determinam o funcionamento psíquico. De fato, esse modelo não se encontra, tal qual, em Freud; porém, eu não o contradigo, uma vez que procuro me “apoiar” nele e confirmar a universalidade do Édipo. No entanto, dispense as incertezas filogenéticas para verificar a ontogênese e os modelos que ela nos propõe. Em razão desta coerção triádica originária, não só o Édipo secundário deverá se estruturar em

“

A sexualidade só pode ser articulada no Édipo, está estreitamente associada à simbolização, e é o que nos permite aceder à linguagem.

”

três pessoas, mas todo o funcionamento psíquico deverá se organizar segundo esta referência terceira. Aqui está o que poderíamos qualificar (de forma aproximada) de referência tópica. Com o apoio e o *a posteriori*, penso ter proposto o complemento dinâmico necessário — a conjunção dos dois assegurando a dimensão histórica.

Percurso: O que antecede o Édipo originário, já que ele é tanto

estrutura fundante do sujeito quanto situação vivida singularmente por cada bebê?

Le Guen: Eu também gostaria de saber... É evidente que este Édipo, por mais originário que seja, não cai do céu. É preciso que uma série de elementos estejam no lugar para que ele possa se desenvolver. De tempos em tempos, me divertia imaginando o que poderia ser este antes...mas eu só posso imaginar, nada mais! E isso não leva a nada sólido. Quaisquer que sejam as observações que possamos efetuar a este respeito, o problema é saber se isto nos faz avançar em direção ao conhecimento do funcionamento psíquico. Achei muito interessante saber que o feto modifica sua atividade quando sua mãe ouve música, ou que ele é sensível ao som de sua voz, etc. Estou convencido da importância destas experiências enigmáticas; elas têm um grande interesse, mas me pergunto: interesse para que? Não para a compreensão do funcionamento psíquico. Eis aí mais uma questão acerca do campo, como para o biológico e o social. Sem dúvida me interessa por tudo que se passa no bebê antes do aparecimento do Eu. Mas acredito que criamos muitas fantasias sobre o que se passa dentro do útero. Estudei atentamente os kleinianos, mas o que escreveram parece uma fantasmática apaixonante que diz mais a respeito do funcionamento daqueles que a produziram (para ser pôlemico), do que sobre o que se passa com o bebê ou com o feto. Persisto em pensar que isto não pertence ao campo psicanalítico e que é preciso deixar este assunto para outros.

Percurso: No final de seu livro *Édipo originário* (1974), o Sr. considerou que seriam necessários alguns anos para se verificar a

pertinência deste modelo. Após 25 anos dessa publicação, como o Sr. avalia esta sua contribuição, tanto no campo teórico quanto na estratégia de condução de uma análise?

Le Guen: Ele é verificado; e não é mais do que uma crença. Verifiquei-o em meus próprios trabalhos e, sobretudo, ele foi aceito por outros autores — e isto para além do fato de minha contribuição ser, ou não, citada. Penso, por exemplo, em André Green que “descobriu”, quinze anos depois do *Édipo originário*, uma “estrutura ternária fundamental: o sujeito, o objeto, o outro do objeto, constitutivo da teoria da triangulação generalizada do terceiro substituível”⁵. Ele retoma a triangulação originária da “criança, a mãe e o não-mãe” utilizando sinônimos, o que é uma maneira um tanto complicada de não nomear o Édipo originário, substituindo-o por uma designação um pouco parecida... Deixando de lado as razões que teve para não utilizar um termo já bem estabelecido, o que me importa é que ele acabou por reconhecer esta triangulação originária — esta “terceiridade” —, operando na base do funcionamento psíquico. Isto é o essencial. É o que me permite dizer, hoje, que o modelo está comprovado.

Percorso: Green refere-se a “processos terciários”...

Le Guen: Pouco importa o nome, como dizia Charcot (a partir do relato de Freud), “isto não impede de existir”. O que importa é que ele retomou, por sua conta, ponto por ponto, o *Édipo originário*. Essas rivalidades e narcisismos de autores são sempre divertidos e viram anedotas. O que realmente importa é que a idéia seja aceita e perdure.

Percorso: Aproveitando a menção deste autor, gostaria de me utilizar do seu artigo “A sexualidade tem algo a ver com a psicanáli-

se?”⁶ para lhe fazer as seguintes perguntas: para além da provocação de Green, o Sr. pensa que a sexualidade perdeu sua importância teórica na psicanálise contemporânea? Quanto à pulsão de morte, parece que ela não é muito freqüente em seus escritos, a não ser a propósito da negação na *Teoria do método*. O que o Sr. pensa disso?

“

Um detalhe mobiliza grande parte do aparelho psíquico: “um pouquinho do essencial” muda o rumo da análise, dando-lhe um sentido.

”

Le Guen: São duas questões muito importantes. Em relação à sexualidade, estou de acordo com Green — apesar das nossas querelas concordamos no que diz respeito ao essencial. Referi-me, há pouco, à “psicanálise francesa” como uma comunidade de pensamento, e aqui temos um excelente exemplo. Creio que Green tem razão em se preocupar com o quase desaparecimento da sexualidade e da pulsão em numerosos trabalhos psicanalíticos, a maioria anglo-saxã. O problema é que depois de expulsarem esses dois conceitos freudianos fundamentais foram incapazes de substituí-los por algo consistente. Seu *corpus* psica-

nalítico ficou amputado, aproximando-se, de alguma maneira, às psicologias pré-freudianas. Reafirmamos, então, que a sexualidade é absolutamente essencial, não só na vida de cada um de nós, mas também na vida psicanalítica.

Tive oportunidade de desenvolver a idéia de que a sexualidade, que só pode ser articulada no Édipo, está estreitamente associada à simbolização e é o que nos permite aceder à linguagem. Não vou retomar aqui todo o desenvolvimento da questão mas resumirei as conclusões indicando que seu papel, calcado no Édipo, não é apenas o de organizar o funcionamento psíquico, mas de estruturar nossa relação com o mundo. Neste sentido, a simbolização, assim como a sexualidade, nos protege da loucura por nos permitir pensar o mundo, dar-lhe um sentido. Retirar a sexualidade das concepções psicanalíticas é privar-se desta compreensão e reduzir a psicanálise a uma técnica psicoterápica.

Quanto à segunda questão, relativa à pulsão de morte, penso que não leva em conta o fato que lhe consagrei um longo capítulo no livro *Théorie de la méthode psychanalytique* e ainda dois artigos importantes! Penso ter avançado algumas proposições novas, depois de estudar a fundo o conceito freudiano e suas contradições, mas é um assunto muito longo para nos estendermos nele agora.

Percorso: Em seu artigo “O engodo feminino do masoquismo ordinário”⁷, o Sr. colocou o masoquismo ordinário da mulher como algo “herdado” da linhagem materna. O que há de tão implacável nesta herança que a torna impermeável ao trajeto edípico e mesmo aos efeitos de uma análise?

Le Guen: O masoquismo ordinário da mulher não é impermeável

Le Guen: O masoquismo ordinário da mulher não é impermeável ao trajeto edípico, ele é que o constitui e o que confere, muito precocemente, a singularidade ao Édipo feminino ou, mais precisamente, àquilo que vai se desenvolver sob esta forma. Mas, como tudo o que diz respeito ao arcaico, é evidente que ele é mais difícil de analisar do que aquilo que é tardio no desen-

“

A análise muda um pouquinho do essencial, mas como se trata do essencial, ela acaba por movimentar toda a estrutura.

”

volvimento. Esta “impermeabilidade” que vocês evocam (o termo não é meu mas o aceito de bom grado) diz respeito à identificação precoce mãe-filha, identificação recíproca (isso é essencial) que culmina nesta violência tão particular, nesta proximidade pulsional.

Percorso: O Sr. menciona na introdução de *A dialética freudiana* que a análise muda pouco o essencial...

Le Guen: A análise muda um pouquinho do essencial. Mas, como se trata do essencial, ela acaba por movimentar toda a estrutura, como

nas “esculturas móveis” de Calder. Toda dificuldade consiste em saber no que convém tocar para que um bom número de elementos se recoloquem no lugar. Estamos longe de saber claramente o que fazemos e/ou aquilo que fizemos, de compreender porque tal momento da cura pôde ser mutativo. Este é um dos paradoxos do processo analítico que mais me intriga. O que me fascinou no caso de Danielle, relatado na conferência de ontem, e me gratificou muito, foi o fato de que compreendi, em sua história, como a mudança pôde acontecer, seguindo a evolução e as significações quase que passo a passo. Isto não acontece tão freqüentemente.

Quando penso nas análises onde isto aconteceu (não são muitas!) fico surpreso de constatar que aquilo que muda as coisas encontra-se, aparentemente, num detalhe que poderia passar despercebido. Mais uma vez, é *a posteriori* que nos damos conta de tudo aquilo que se reorganizou naquela ocasião; é somente no *a posteriori* que captamos o porque e o como. No entanto, não é porque não compreendemos, sempre, e muito bem, o que se passa, que, de fato, nada se passa e não existe a cura... Felizmente! Essa constatação é reconfortante mas isso não deixa de suscitar muitas questões. Então, ao verificar que algo como um detalhe mobiliza grande parte do aparelho psíquico fui levado a afirmar que “um pouquinho do essencial” muda o rumo da análise, dando-lhe sentido. O que complica as coisas (mas que talvez nos forneça uma idéia para seguir) é que esse “pouquinho” provém do “essencial” no *a posteriori*. Gostaria de poder trabalhar sobre isto...

Percorso: Uma última pergunta. Se o Sr. fosse escrever uma carta ao jovem psicanalista - como Rilke escreveu ao jovem poeta - em três

palavras, o que lhe escreveria?

Le Guen: Em três palavras? Eu diria: “Seja você mesmo”, e acrescentaria: “Não tenha um mestre!”.

NOTAS

1. C. Le Guen, “Temps figé du schizophrène” in *L'évolution psychiatrique*, 4/1958.
2. Os relatórios e trabalhos deste congresso compõem a *Rev. Franç. Psychanal* :5/1997, entre os quais o comentário de Le Guen, “L'inconscient ignore le temps”, p.1639-1651.
3. “Danielle e seus dois monstros”, foi o título da conferência realizada em 22 de agosto de 1998 no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
4. “Le Moïse de Michelange: un discours de la méthode psychanalytique”, *Rev. Franç. Psychanal.* 50:1/1976.
5. Cf. A. Green (1989) “Le Tiers” e “De la tiercéité” in *Monographies de la Revue Française de Psychanalyse*. La psychanalyse, questions pour demain. Colloque de la SPP, UNESCO, 1998.
6. Cf. Green *Livro anual de Psicanálise*, tomo XI, São Paulo, Escuta, 1995.
7. Cf. C. Le Guen, *Percorso* 18: 5- 6, 1997.